

Análise da obra 'Afinal, o que é literatura?

Na obra intitulada “Afinal, o que é literatura?”, de Mirian H. Y. Zappone e Vera Helena G. Wielewiski (2009), aborda-se o início da construção do termo literatura através da história e a proporção de poder que essa expressão tomou em países como Itália, Inglaterra, França, Brasil, etc. Sobretudo, a obra visa as mudanças que foram ocorrendo sobre o conceito de literatura, através de vários processos sociais e históricos. A literatura, como afirma Aguiar e Silva (1988), descende da palavra latina *litteratura*, que foi por sua vez imitada do substantivo grego *grammatiké*. E de acordo com Williams (1979), podemos considerar que o conceito de literatura é construído baseado no contexto histórico e social das sociedades, de maneira que sofre transformações decorrentes aos distintos pensamentos e ideologias presentes em um determinado período. Também, percebemos que, em seu início, a literatura não portava consigo o intuito de ser uma produção artística, de modo que ela se relacionava unicamente com a ideia de que, ao ler, você estaria possuindo o saber sobre demasiados ramos do conhecimento. Assim, foi no final do século XV, com a mudança das técnicas para a reprodução do material escrito, de copistas para oficinas de impressão, que tornou a capacidade de ler um papel fundamental para a distinção social.

Já no século XVIII, a literatura passa por mudanças fundamentais sobre o seu conceito. Trata-se da ideia de *litteratura* como “conhecimento”, se torna relacionado à ideia de “sensibilidade” também, trazendo consigo ambiguidade em seu significado. No final dessa mesma época, quase todas as nações já possuíam suas próprias histórias literárias, com suas características estéticas e ideológicas, de maneira que essas obras não deveriam só ser apenas bem escritas. As obras teriam de agradar o gosto dos burgueses, a classe que detinha o poder do conhecimento, de modo que concentravam em suas mãos a capacidade de impor as suas ideias perante as obras literárias, e, que aos poucos influenciariam os novos leitores. Posteriormente, em meio a sociedade que caminhava para o desenvolvimento do capitalismo, a escrita criativa ganhou força como forma de repreender a nova ordem social que se formava, opondo-se às novas relações humanas marcadas pelo trabalho.

Na segunda metade do século XIX e início do século XX, a definição do que seria considerado literatura ganha um novo tom, denominado de literariedade. Para explicar esse termo, surge uma concepção quanto a esses estudos relativa à literatura, através do *Formalismo Russo*. Assim sendo, essa concepção diz respeito a um conjunto de propriedades que caracterizariam a linguagem literária, diferenciando assim, o que seria considerado um texto literário e não-literário. Na literariedade, temos como principais distinções nas marcas textuais a desautomatização da linguagem e dos procedimentos estéticos, no qual, os textos considerados literários, dão ênfase a *função poética*, que tem como encargo trazer para o texto um discurso atraente e original, além de criarem uma imagem ficcional do mundo, de modo, então, que os autores possam expor a sua própria linguagem em primeiro plano, deixando de lado a escrita comum. Podemos ver esse novo tom na formação na literatura brasileira, com a semana de arte moderna de 22, na qual a intenção dos escritores modernistas era demonstrar a identidade brasileira, por meio de cenas cotidianas da época, sem formalismo, enaltecendo a oralidade e liberdade de expressão e de forma, rompendo com as tradições passadas e experimentando novas maneiras de se construir arte. Entretanto, alguns autores começaram a criticar essa visão essencialista de literatura e a criar uma preocupação em relação a como seria a relação entre texto/autor e os leitores, em meio aos veículos de comunicação.

Há ainda a formação de uma nova categoria intelectual entre o mundo dos leitores. De acordo com Eagleton (1991), o *homem de letras* tinha um papel fundamental para o século XIX, já que esses seriam capazes de dissertar sobre a cultura e intelectualidade, fazendo da escrita seu principal ofício, e procurando assim, auxiliar o povo a compreender as mudanças que estavam acontecendo no meio econômico, social e religioso da época. A partir daí, entretanto, surge a classe de leitores intermediária, que seria formada por pessoas alfabetizadas, mas não formada por pessoas consideradas “influentes” intelectualmente em meio a sociedade de seu tempo. Os homens de letras têm como responsabilidade ética trazer em sua interpretação em relação ao texto, individualidade e transcendência do *eu*; porém, ao terem um caráter

“amadorístico”, perdem a credibilidade em relação ao conhecimento especializado. Decorrente disso, buscam por lugares menos “impuros”, para as discussões sobre a literatura, e veem nas universidades um ambiente propício para acolher esses debates. Dessa forma, além das universidades abrigarem os críticos literários, por ser um lugar menos “poluído” dos problemas sociais que poderiam interferir em seus julgamentos, a inclusão da leitura literária acadêmica teve papel significativo para delimitar o que seria literatura ou não e de definir se certos textos são uma boa leitura e o modo como devem ser lidos.

Podemos, então, olhar a literatura a ser definida através de vários momentos históricos, e perceber que o seu caráter ficcional proporcionaria aos leitores uma relação diferente com o mundo, dando a eles a merecida atenção. O texto literário por depender do contexto histórico, é ditado pela cultura, ideologia, estética, ciência, política da época em que se encontra, e sendo assim, a questão de poder ditaria, então, o que é considerado literatura ou não. E que, entretanto, cabe ao leitor por meio da sua própria experiência defini-la a partir da sua interpretação do texto lido. O termo literatura pode abranger inúmeros conceitos e concepções, de modo a depender de diversos fatores como, abordado pelo teórico Jonathan Culler (1999), de que a literatura é um ato de fala que contrasta com outros tipos de ato de fala. E desse modo, dando abertura também à diversas interpretações sobre o mesmo texto literário, e no qual, percebemos também esses plurissignificados na literatura quando há relação entre o texto literário e outras artes, uma forma bem comum é a adaptação de livros em filmes, sendo percebida em sagas de livros infanto-juvenis de maior sucesso recente, tal como, *Harry Potter*, de J. K. Rowling ou até mesmo, *Crepúsculo*, de Stephenie Meyer. Por fim, após a leitura do texto, “Afim, o que é literatura?”, vemos que o conceito do termo literatura além de ter grande importância na história, não tem uma única definição para ela, a busca pelo conceito teórico permite inúmeras interpretações. Sendo assim, a literatura pode ser associada a textos de caráter ficcional e criativos, dando valor ao lado sensível do autor, que cria um mundo imaginativo para os leitores, como uma forma também de fuga da realidade que se encontram. Desse modo, esse texto possui grande influência não apenas para os jovens que estão ingressando no curso superior, mas também para os jovens do ensino médio, por ser abundante

em uma discussão de grande importância que é a definição da literatura e sua mudança através da história.